

# Professores pedem duas câmaras ligadas durante exames com receio de fraude

**P** [publico.pt/2021/02/21/sociedade/noticia/professores-pedem-duas-camaras-ligadas-durante-exames-receio-fraude-1951434](https://publico.pt/2021/02/21/sociedade/noticia/professores-pedem-duas-camaras-ligadas-durante-exames-receio-fraude-1951434)

Samuel Silva



**Público**

Ensino Superior

Conteúdo exclusivo

Desconfiança dos professores poderá resultar em maiores taxas de reprovação e notas mais baixas. Reitores admitem que os docentes têm que aprender a fazer avaliações diferentes à distância.

O receio de que os estudantes copiem ou tenham ajuda de outras pessoas durante a realização de exames *online* está a levar muitos professores do ensino superior a obrigar a que, durante as provas, cada aluno tenha duas câmaras de vídeo ligadas. O presidente do conselho de reitores admite que os docentes têm que aprender a fazer avaliações diferentes no actual contexto de ensino remoto devido à pandemia.

Além das câmaras dos computadores em que são realizadas as provas, muitos professores têm exigido aos alunos que sejam também ligadas as câmaras dos seus telemóveis. A ideia é ter dois ângulos diferentes do local onde o estudante está a fazer o exame, para garantir que não são usados auxílios irregulares. “Há casos em que, a meio da frequência, o professor manda parar e filmar o espaço à nossa volta, para confirmar que não está ninguém connosco”, conta um estudante ao PÚBLICO. A situação é também relatada pelas presidentes das federações académicas de Lisboa e do Porto.

Durante o período de avaliações, os docentes têm feito “uma série de exigências” relacionadas com a preparação do local onde o estudante realiza o exame, a forma de acesso à Internet ou a gravação do espaço de trabalho, elenca a Associação Académica da Universidade de Aveiro, num comunicado enviado na semana passada à reitoria da instituição, no qual aponta vários problemas nas avaliações feitas à distância.

“Deparamo-nos com vários exemplos em que muitas das exigências não são facilmente atendidas pelos estudantes, aumentando o nível de *stress* num contexto que, apenas por si, já eleva os níveis” de ansiedade dos alunos, prossegue o mesmo documento.

Os receios de fraude nos exames à distância têm transformado as avaliações num “inferno”, segundo o investigador da Universidade de Coimbra Paulo Peixoto. Os professores do ensino superior têm recorrido a outras estratégias para tentar garantir a fiabilidade dos exames à distância. Por exemplo, generalizou-se a realização das provas de avaliação com recurso ao Safe Exam Browser, desenvolvido pela ETH de Zurique, na Suíça, uma das mais conceituadas universidades europeias. Este software de acesso à Internet funciona como os browsers comuns, mas com uma particularidade que faz, neste contexto, toda a diferença: uma vez activado, não é possível usar outra janela do computador, evitando que o aluno possa copiar ou recorrer a ajuda externa.

## **Tempo para resposta previamente definido**

---

O problema é que as questões são, muitas vezes, apresentadas com um tempo para resposta previamente definido e quase sempre relativamente curto. Além disso, a maioria dos modelos de prova *online* não permitem ao estudante escolher a ordem a que responde ao enunciado. Ou seja, se um aluno não conseguir resolver uma pergunta, não tem a hipótese de voltar à mesma num momento posterior, ao contrário do que aconteceria num exame presencial.

Todas estas condicionantes poderão ter consequências nos resultados dos alunos, antecipa Paulo Peixoto, da Universidade de Coimbra. A “desconfiança dos professores” vai resultar “em maiores taxas de reprovação” e “notas mais baixas”.

Para a presidente da Federação Académica do Porto, Ana Gabriela Cabilhas, os problemas são ainda ampliados pelo modelo de avaliação usada pela generalidade dos professores: “limitaram-se a fazer à distância as frequências que já estavam preparadas para serem feitas presencialmente”. O presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, António Sousa Pereira, reconhece que é preciso “fazer formação pedagógica” dos professores para que estes “aprendam a fazer testes à distância”. “O problema é que fazer avaliação desta forma não é pegar num teste daqueles que se dão presencialmente e dá-lo *online*. Isso não funciona”, afirma.